

DIALOGANDO SOBRE PAULO FREIRE NA UNIVERSIDADE: A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS EXTENSIONISTAS VOLTADOS A UMA ATUAÇÃO EDUCATIVA TRANSFORMADORA

DIALOGUE ON PAULO FREIRE AT THE UNIVERSITY: THE CONSTRUCTION OF EXTENSION PATHS TO A TRANSFORMATIVE EDUCATIONAL PERFORMANCE

Lucimara Cristina de Paula¹
Márcia Barbosa da Silva²

RESUMO

Durante o ano de 2017, desenvolvemos o curso de extensão intitulado “Paulo Freire: fundamentos de uma práxis educativa transformadora na formação de educadores(as)”, na Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, proposto para conhecimento, discussão e sistematização dos aportes teóricos e práticos construídos por Paulo Freire, os quais subsidiam sua pedagogia e a vivência do diálogo como prática intersubjetiva respeitosa de sujeitos abertos à curiosidade epistemológica, à criação e ao desvelamento crítico da realidade. Contamos com a participação de estudantes do ensino superior, professores da educação básica, profissionais da Saúde e Meio Ambiente e educadores sociais. Objetivamos realizar estudos dialogados sobre a produção intelectual de Paulo Freire e sistematizar contribuições da pedagogia freiriana para o trabalho educativo dentro e fora das instituições escolares, visando à formação de educadores para uma práxis educativa transformadora. As ações metodológicas envolveram diálogos sobre a obra freiriana, fundamentados no conceito de Aprendizagem Dialógica (FLECHA, 1997; AUBERT et al, 2009). Nesse artigo apresentamos os fundamentos que nortearam o desenvolvimento do curso, e registros feitos pelos participantes a respeito dessa experiência. Esses registros revelaram que o curso mobilizou reflexões críticas sobre as relações existentes entre as pessoas dentro das instituições e contextos aos quais pertencem, estimulou-as a buscarem transformações em suas dinâmicas de trabalho e explicitou a atualidade e universalidade da obra freiriana para o desvelamento crítico do momento social e político que vivenciamos no Brasil.

Palavras-chave: Diálogos. Paulo Freire. Extensão universitária. Educação transformadora. Aprendizagem dialógica.

1 Universidade Estadual de Ponta Grossa(UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil. E-mail: lucrispaula@gmail.com

2 Universidade Estadual de Ponta Grossa(UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil. E-mail: marciauepg@gmail.com

ABSTRACT

During the year of 2017, we developed the extension course entitled Paulo Freire: foundations for a transformative educational praxis in the training of educators at the State University of Ponta Grossa-PR, proposed for knowledge, discussion and systematization of theoretical and practical built by Paulo Freire, which subsidize his education and experience as intersubjective practice respectful dialogue of subject open to epistemological curiosity, the creation and unveiling critical of reality. We counted with the participation of students, teachers of basic education, Health and Environmental professionals and educators. Aiming to perform dialogued studies on the intellectual production of Paulo Freire and systematize contributions of freirian pedagogy for the educational work inside and outside of school institutions, aiming at the training of educators for a transformative educational praxis. Methodological actions involved dialogues on the freirian work, based on the concept of Dialogic Learning (FLECHA, 1997; ALBERT et al, 2009). In this article we present the foundations that guided the development of the course, and records made by the participants about this experience. These records showed that the course critical reflections on the mobilized relationship between people within the institutions and contexts to which they belong, encouraged them to seek changes in their work dynamics and explained the timeliness and universality of the freirian work for the unveiling of the critical social and political moment that we live in Brazil.

Keywords: Dialogues. Paulo Freire. University extension. Transformative education. Dialogic learning.

INTRODUÇÃO

Em 2017, movidas pela necessidade de compartilhar os estudos que realizamos a respeito da produção de Paulo Freire (PAULA, 2011 e 2017; SILVA, 2017), evidenciando a importância de sua obra para a leitura crítica das mensagens midiáticas e para a formação de educadores, diante do imenso, diverso e contraditório volume de notícias que envolvem nossa atenção por meio dos diferentes canais de comunicação e informação, demos início ao curso de extensão "Paulo Freire: fundamentos de uma práxis educativa transformadora na formação de educadores(as)", na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

Vivenciamos um momento histórico marcado por inovações tecnológicas e novas qualificações intelectuais, cujo domínio possibilita a participação das pessoas nos diversos âmbitos sociais, de maneira mais efetiva. Em relação à fase anterior, chamada de sociedade

industrial, a qual se detinha na produção de recursos materiais e na monopolização do conhecimento, o novo capitalismo informacional/global (CASTELLS, 2002) teve sua economia centrada nos recursos humanos e no tratamento e processamento da informação. Nesse contexto, um novo setor passou a se destacar, baseado no saber (consultorias, assessorias, especialistas em determinadas atividades, etc), o que exigiu trabalhadores que assumissem ocupações de alta qualificação, preparados para fazer circular as informações (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

Esse cenário provocou outras formas de desigualdade, por manter relações de poder entre aqueles que acessam, selecionam e processam a informação, e aqueles que a elaboram; entre trabalhadores que se encontram conectados em redes e os que não têm acesso a elas; além daqueles que, tendo grande acesso, ainda não representam um mercado potencial, ficando à margem das oportunidades de inclusão nas redes informacionais (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

A instauração das novas desigualdades provocou a mobilização de setores da sociedade civil pela democratização do acesso à rede e pelo desenvolvimento de habilidades e conhecimentos indispensáveis à seleção e utilização crítica das informações. Diante dessa necessidade, a escola se configurou em um espaço fundamental para a aprendizagem da leitura, escrita, matemática e informática, como meio de acesso a outros conhecimentos e recursos (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

Dessa forma, os processos formativos se tornam muito mais importantes que em tempos atrás, enquanto práticas democráticas, comunicativas e de potencialização de interações entre diferentes sujeitos, que se apresentam como necessárias para a busca de maior igualdade social, informacional, política, econômica, etc., e ao mesmo tempo um desafio, já que não são todas as crianças, jovens e adultos que possuem acesso e conhecimento para lidarem com o processamento da informação (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010, p. 42)

Sobre processos formativos, baseados em práticas democráticas de comunicação e solidariedade, algumas pesquisas, realizadas

no Brasil e em diversos países, têm apontado para a necessária articulação entre profissionais da educação, familiares dos estudantes e comunidade de entorno das escolas, com o objetivo de construir uma educação melhor para todas as pessoas. Essas pesquisas comprovam que os processos de ensinar e aprender de maneira dialógica garantem a máxima aprendizagem para todos os estudantes, e ainda desenvolvem uma convivência respeitosa, partindo da diversidade como fonte de riqueza humana (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2012). Tais processos educativos, considerados pela comunidade científica internacional como atuações educativas de êxito, estão fundamentados nas contribuições teóricas de Paulo Freire, entre outros estudiosos de vertente comunicativa.

A validade e atualidade da obra de Paulo Freire são demonstradas por três argumentos: a necessidade do diálogo frente ao corporativismo, superando a concepção construtivista, considerando toda a comunidade como construtora da realidade e do saber; a transformação das pessoas e dos contextos em lugar da adaptação; a igualdade de diferenças ao invés da diversidade, supondo o direito de todas as pessoas de viver suas próprias opções, que supera a concepção homogeneizadora (FLECHA e PUIGVERT, 1998).

De acordo com Flecha (2004), toda educação democrática de pessoas adultas ancora-se na obra de Freire, cuja *práxis* dialógica garante tanto o direito à diversidade como o respeito à igualdade de todas as pessoas. O autor esclarece que, numa perspectiva freiriana, o diálogo constitui um modo de coordenar a ação entre as pessoas para que alcancem uma finalidade comum. Diante de uma situação de exclusão, por exemplo, aqueles ou aquelas que não dispõem de formação acadêmica podem compartilhar seu pensamento sobre a realidade e buscar as soluções para a superação dessa situação excludente. Ao contrário, na perspectiva tradicional de educação, as pessoas tornam-se simples objetos a serem modelados pelo educador-sujeito e não assumem o seu protagonismo na tomada de posicionamentos e decisões (FLECHA, 2004).

Ao contrário da educação tradicional, que por vezes utiliza a palavra diálogo, mas como instrumento para imposição de uma única verdade, o diálogo freiriano prevê uma definição intersubjetiva da realidade que considera a validade dos argumentos expostos, a escuta respeitosa do outro e aceitação de seus argumentos, num esforço de entender e nos fazer entender (FLECHA, 2004).

Considerando os desafios colocados pela sociedade da informação, no âmbito da vida e do trabalho, bem como as demandas educativas emergentes, que potencializam ações de superação desses desafios, organizamos o curso de extensão para ampliação de conhecimentos sobre os aportes teóricos e práticos construídos por Paulo Freire, a partir de discussões de material audiovisual sobre o autor e diálogos sobre suas obras. Como forma de sistematização desses conhecimentos, e das contribuições que ofereceram para um olhar menos fragmentado e menos ingênuo sobre situações relacionadas à vida cotidiana, aos ambientes de trabalho e de estudo e à situação social e política de seu próprio país, os participantes registraram seus “encontros com Paulo Freire” em textos de natureza biográfica. A estrutura do curso e alguns de seus resultados serão apresentados a seguir.

O CURSO DE EXTENSÃO SOBRE PAULO FREIRE E A IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS NA UNIVERSIDADE

Em seu artigo 207, a Constituição Brasileira dispõe que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Portanto, o preceito legal pressupõe que tais funções merecem tratamento de igualdade nas instituições de ensino superior (MOITA e ANDRADE, 2009). Apesar da importância que a extensão representa nessa tríade, pelas relações que ela estabelece entre a Universidade e a sociedade, ela tem ocupado uma situação de inferioridade entre as atividades docentes (RODRIGUES, 2006). No entanto, qualquer fragmentação verificada nesse conjunto de funções interdependentes leva ao empobrecimento do trabalho universitário.

Assim, se considerados apenas em relações duais, a articulação ente o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo,

mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade (MOITA e ANDRADE, 2009, p. 269)

Defendemos, portanto, a articulação dessas atividades, por reconhecer a importância que representam para a produção de novos conhecimentos, a intervenção nos processos sociais e a formação profissional, numa perspectiva ética, crítica e rigorosa.

Ao propormos o curso de extensão “Paulo Freire: fundamentos de uma práxis educativa transformadora na formação de educadores(as)”, assumimos a análise gnosiológica que Freire realiza sobre o termo extensão em seu livro Extensão ou comunicação (2001), ao argumentar que não é possível substituir os conhecimentos associados à ação sobre a realidade pelos conhecimentos científicos transmitidos por um especialista.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 2001, p. 25)

Para Freire (2001), o conhecimento exige a presença curiosa dos sujeitos frente ao mundo e requer sua ação transformadora sobre a realidade. Por isso, demanda uma busca constante e implica em invenção e reinvenção; exige a reflexão crítica de cada pessoa sobre o ato de conhecer, por meio do qual reconhecemos conhecendo e percebendo o “como” desse conhecer e os condicionamentos a que esse ato está submetido (FREIRE, 2001).

Segundo tal perspectiva, o curso esteve fundamentado nos princípios da dialogicidade freiriana (FREIRE, 2004 e 2005) e no conceito da Aprendizagem dialógica, desenvolvido por pesquisadores

do CREA - *Community of Research on Excellence for All*, da Universidade de Barcelona, na Espanha (AUBERT et al, 2016).

Iniciado em abril de 2017 e finalizado em dezembro do mesmo ano, o referido curso foi desenvolvido na Universidade Estadual de Ponta Grossa e organizado em 60 horas, sendo que a metade da carga horária esteve destinada a encontros presenciais que ocorriam quinzenalmente, para a realização de diálogos sobre as obras lidas. A outra metade da carga horária correspondeu ao estudo das obras indicadas em um cronograma: *Pedagogia da esperança* (FREIRE, 2003), *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2004), *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 2005), *A educação na cidade* (FREIRE, 2006) e *Medo e ousadia* (FREIRE e SHOR, 2008).

Ao prevermos o público alvo para o curso, pensávamos em atender a comunidade da própria UEPG (docentes, discentes e técnicos), além de estudantes da pós-graduação, professores da Educação Básica e educadores sociais. No entanto, surpreendeu-nos a grande procura de pessoas relacionadas a outras instituições e áreas do conhecimento, diferentes da Educação e as licenciaturas, como a Saúde, o Meio Ambiente e o Serviço Social. Foram ofertadas 40 vagas, mas, 198 pessoas indicaram interesse em realizar o curso, o que nos levou a repensar os encaminhamentos para poder atender a todas as pessoas. Então, resolvemos organizar duas turmas de participantes: uma que ocorreu das 8h às 10h e outra das 10h30min às 12h30min. Por diferentes motivos, relacionados às contingências de estudo, trabalho e vida pessoal dos participantes houve uma variação na frequência. Iniciamos com aproximadamente 80 participantes e tivemos uma média de 67 pessoas que acompanharam o curso todo contando os dois turnos e, dessas, 45 pessoas cumpriram as duas propostas de registro previstas para a obtenção de certificados.

Durante as atividades do curso, diferentes procedimentos metodológicos foram adotados. Entre eles, destacamos a leitura orientada de textos; os diálogos sobre excertos selecionados nas obras, a partir dos princípios da aprendizagem dialógica (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010); discussões sobre o conteúdo de vídeos produzidos com o autor e a respeito dele e elaboração de registros a partir dos estudos sobre a *práxis* e a dialogicidade freirianas, a fim de que os participantes fossem capazes de sistematizar as contribuições da produção intelectual de Paulo Freire para a própria formação, como pessoas e profissionais, numa perspectiva emancipadora.

Os registros propostos foram realizados na forma de cartas, endereçadas ao autor, e autorretratos, que correspondia ao relato de aprendizagens que ocorreram no contato com o pensamento freiriano. A escolha por esses registros de natureza biográfica baseia-se em pesquisas que demonstram a tendência de Paulo Freire em utilizar-se desses tipos de texto em sua trajetória como intelectual e educador (CASALI, 2008; PAULA, 2011).

De acordo com Casali (2008), a própria prática de Freire demonstra sua inclinação para os estudos (auto)biográficos, pois adotou os gêneros testemunhal, memorial e historiográfico em seus textos, valorizando a oralidade, a coloquialidade em seus escritos.

Evidências desses gêneros são encontradas em sua prática pedagógica dialógica, que considera que as experiências de vida das pessoas e os problemas cotidianos, como temas que devem ser compartilhados; em seu Método de Alfabetização, marcado pelo exercício da palavra, que partia da história pessoal dos sujeitos articulada à história da comunidade, para a construção do universo vocabular; na reflexão e elaboração teórica que tece sobre a prática, estabelecendo seu compartilhamento comunicativo; nas cartas pedagógicas que escrevia, manifestando o gênero coloquial, afetivo, dialógico; na realização de diálogos, que mantinha com diversos companheiros, a partir da memória histórica de ambos e de suas experiências pedagógicas; assim como nas entrevistas, que revelavam informações e reflexões de Freire sobre sua vida e seu trabalho. (CASALI, 2008)

Orientadas por esses pressupostos, as propostas de registro sobre os estudos da obra de Paulo Freire foram elaboradas (cartas e autorretratos) para que os participantes pudessem expressar os conhecimentos adquiridos de forma solitária, nas relações que estabeleceram com as obras, e por meio do diálogo no grupo, que possibilitou aprender em comunhão com o diferente, educando-se para a escuta curiosa, respeitosa e ética e para a reflexão sobre posicionamentos e argumentos diferentes dos seus.

CAMINHOS DIALÓGICOS DE APRENDER E ENSINAR DE MANEIRA SÓLIDÁRIA E RESPEITOSA

No início do curso de extensão, os participantes foram informados que os estudos sobre as obras de Freire seriam compartilhados por

meio de diálogos, orientados pelos princípios da teoria da ação dialógica (FREIRE, 2004 e 2005) e os princípios da Aprendizagem Dialógica (AUBERT *et al*, 2016). Esses últimos constituem as bases teóricas das Tertúlias Literárias Dialógicas – TLD (MELLO, 2003), reconhecidas como atuações educativas de êxito pela comunidade científica internacional e reconhecidas pelo Ministério da Educação como tecnologia educacional.

As TLD foram reconhecidas como atuações educativas de êxito após ampla pesquisa, que demonstrou a efetiva melhoria na aprendizagem escolar de estudantes de diferentes níveis de ensino, assim como melhoria em relação à convivência nas instituições escolares, ou seja, as TLD apresentaram resultados comprovados na aprendizagem escolar e no desenvolvimento de posturas solidárias frente à diversidade. Esses resultados, indicados por 14 países diferentes, foram verificados em diferentes culturas e escolas com características diferentes.

As TLD são desenvolvidas a partir da leitura da literatura clássica universal, cuja finalidade não se restringe à interpretação dos escritos do autor, mas às relações entre o contexto da obra e o contexto de vida do leitor, o momento histórico em que vive, realizando, dessa forma, uma descolonização do conhecimento. Ao relatarem trechos da obra para expressarem o que pensaram e sentiram em relação a eles, os participantes vivenciam momentos de participação e diálogo igualitário, durante os quais criam significados e conhecimentos coletivamente.

Durante as TLD, pessoas de diferentes idades, gêneros, culturas, experiências, têm a oportunidade de debater diversos temas que aparecem na literatura clássica e conhecimentos que são produzidos historicamente pela humanidade, compartilhando suas reflexões a partir do diálogo. O diálogo igualitário, vivenciado pelos participantes nas TLD, possibilita o desenvolvimento de processos de transformação pessoal e do entorno social e familiar mais próximo, ao mesmo tempo em que desfrutam das obras literárias.

A exemplo do que ocorre nas TLD, os participantes do curso foram orientados a realizarem a leitura das obras de Paulo Freire, selecionadas para cada encontro, e destacarem trechos que provocaram reflexões, relações com cenas da vida cotidiana e do contexto social e político mais amplo, análises sobre a própria formação e o próprio trabalho, etc. Antes de expressarem seus

destaques, os participantes precisariam levantar a mão solicitando a inscrição para falarem, respeitando o momento de fala dos outros.

Para que todas as pessoas dialogassem de forma igualitária, duas pessoas coordenavam o encontro como moderadoras, a fim de que anotassem as inscrições e organizassem a ordem das intervenções. As pessoas que atuavam como moderadoras não poderiam impor suas verdades e deveriam deixar que os participantes apresentassem seus argumentos e chegassem, ou não, a um consenso. No momento das inscrições dos participantes para falarem de seus destaques, as pessoas moderadoras deveriam dar prioridade aqueles que menos participam, garantindo que as oportunidades fossem igualitárias. No decorrer de cada encontro, uma das moderadoras redigia uma síntese dos assuntos que emergiam dos diálogos e, alguns minutos antes da finalização da reunião, lia essa síntese para o grupo, propondo que seus integrantes indicassem informações que não haviam sido contempladas.

Nessa dinâmica de estudos dialógicos, as manifestações dos participantes eram consideradas em função da validade dos argumentos, e não da posição de poder de umas pessoas sobre as outras.

A relação entre educador e educandos é então estabelecida em torno do que cada pessoa pode trazer à discussão e à aprendizagem de determinado tema - o que não implica o questionamento de conhecimentos estabelecidos, como aconteceria numa perspectiva construtivista, mas de considerar argumentos que se apoiam não apenas no mundo objetivo, como também no mundo social e no mundo subjetivo (como construção de intersubjetividades) (MELLO, 2003)

Inicialmente, as pessoas participantes não compreendiam os motivos pelos quais as inscrições eram necessárias, mas, a partir da compreensão dos princípios que orientavam as atividades e o processo de educar-se por meio da dialogicidade, respeitando os momentos de escuta e de fala, descobriam a necessidade de seguirem tais princípios, durante o curso e nos contextos coletivos aos quais pertenciam. Aos poucos, foram observando como as relações que vivemos, em nossos ambientes familiares, sociais, de trabalho e de formação, são marcadas por formas autoritárias e injustas de agir. A vivência do diálogo despertou o olhar das pessoas para a observação dos modos cotidianos de conviver, para a análise do momento sócio-político que presenciamos no país, para a linguagem que utilizamos

ao qualificar situações e ações, etc. Enfim, compreenderam o que chamamos de diálogo numa perspectiva freiriana.

O diálogo, na definição de Paulo Freire, é uma exigência existencial, pois a existência humana não pode ser feita no silêncio, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, nas interações que homens e mulheres estabelecem entre si, mediados pelo mundo em que vivem. Por outro lado, a existência também não pode se dar por meio de falsas palavras, mas palavras verdadeiras, que são práxis e formas de transformar o mundo. Nesse sentido, dizer a palavra deverá ser direito de todas as pessoas e ninguém poderá pronunciá-la sozinho, como uma prescrição aos outros, negando a palavra a esses. Ao dizerem a palavra, com a qual pronunciam o mundo, homens e mulheres vão transformando-o, o que impõe o diálogo como caminho pelo qual todas as pessoas ganham significação enquanto seres humanos. (FREIRE, 2004).

Nesse sentido, não é possível a uma pessoa pensar autenticamente, se outras não pensam; não é possível pensar pelos outros, para os outros ou sem os outros. Para Freire (2001), não há um "penso", mas um "pensamos", pois o "pensamos" é que estabelece o "penso", e não o contrário. O diálogo é, portanto, uma relação horizontal entre as pessoas, marcando a posição democrática entre elas, sem torna-las iguais, pois conservam suas identidades, as defendem e crescem com os outros. O diálogo também não reduz um ao outro, não é favor que uma pessoa faz à outra e nem tática utilizada para confundir. Ao contrário, ele implica respeito àqueles que nele se envolvem (FREIRE, 2003).

Para Freire (2004 e 2005), diálogo não significa bate-papo descompromissado, nem discussão guerreira, nem polêmica, nas quais uma pessoa impõe maneiras de ser e agir às outras; também não se constitui em conquista estratégica de uns sobre outros, mas é conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos. É intercomunicação entre sujeitos abertos à possibilidade de conhecer mais, à curiosidade epistemológica, à inquietação, à criação, ao desvelamento crítico da realidade; sujeitos que se empenham em compreender a razão de ser do objeto que os mediatiza, questionando-se sobre ele e sabendo por que o fazem. Sujeitos históricos, que são conscientes de sua inconclusão, convictos de que sabem e de que ignoram e, por isso, podem saber melhor o que já sabem e conhecer o que ainda não sabem (FREIRE, 2014).

Por essas razões, a comunicação dialógica verdadeira, como ato de problematização, cujo conteúdo não pode ser depositado nem transferido, constitui o encontro de sujeitos interlocutores que buscam criticamente a significação e reflexão sobre os fatos, suas conexões com outros, no contexto em que se deu, e ocorre na relação pensamento-linguagem-contexto. Por todas essas características, o diálogo freiriano deve estar fundamentado em alguns princípios: o amor, a humildade, a esperança, a fé, a confiança, a criticidade, a escuta (FREIRE, 2001).

De acordo com Freire (1999), não é possível dialogar sobre o mundo, como forma de criação e recriação, sem amor a ele e às pessoas, pois o amor representa o compromisso com a causa daqueles que são injustiçados, explorados, excluídos e, portanto, é um ato de coragem. Sendo um ato amoroso, a pronúncia do mundo feita pelas pessoas como forma de recriação, não poderá ser um ato arrogante, expressando a superioridade de uns sobre os outros. Dialogar representa uma prática humilde, de pessoas que buscam saber mais e, por isso, devem manifestar uma intensa fé nas pessoas, no poder delas em fazer e refazer, fé na vocação humana de *ser mais* (FREIRE, 2004).

A confiança, por sua vez, instala o companheirismo entre as pessoas e implica coerência entre o que dizem e o que fazem. "Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira" (FREIRE, 2004, p. 82).

Além disso, não existe diálogo na ausência de esperança, pois ela se encontra na imperfeição das pessoas e as mobiliza numa constante busca, que se faz na comunicação e não no isolamento. As pessoas que lutam movem-se na esperança e, ao lutarem, esperam. "Se os sujeitos do diálogo nada esperam de seu quefazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso" (FREIRE, 2004, p. 82).

Outra condição essencial para a existência do diálogo é o pensar verdadeiro, crítico, pois não admite a dicotomia mundo-homens/mulheres, reconhecendo que essa relação é indissociável e transformadora da realidade (FREIRE, 2004).

Por ser uma prática de natureza amorosa, humilde, solidária e democrática, o diálogo exige a escuta paciente e crítica, a partir da qual aprendemos a falar com os outros, o que não significa concordar

com a pessoa que fala, ou acomodar-se à sua leitura de mundo. Escutar representa uma atitude de respeito frente à leitura dos outros e a tentativa de superação das formas ingênuas de pensar sobre o mundo, juntamente com as pessoas. Representa, também uma atitude de curiosidade diante das diferentes leituras de mundo, a fim de que avancemos na produção do conhecimento (FREIRE, 2014). Nesta perspectiva, aprender a escutar para poder falar, significa não se mostrar impositivo em sua fala, mesmo quando se contrapõe às posições de outras pessoas. A pessoa que fala dirige-se à outra como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. (FREIRE, 2014).

A teoria da ação dialógica de Paulo Freire constitui um dos fundamentos utilizados na construção do conceito de Aprendizagem Dialógica, desenvolvido por pesquisadores do CREA - *Community of Research on Excellence for All*, da Universidade de Barcelona, na Espanha (AUBERT *et al*, 2016). Além de Freire, outros teóricos ofereceram as bases para a construção do conceito de Aprendizagem Dialógica, como Habermas, Vygotsky, Chomsky, Cummins, Mead, Bruner, Wells e outros.

A partir das contribuições desses autores, foram construídos os seguintes princípios que fundamentam a Aprendizagem Dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

O diálogo igualitário se realiza quando se consideram as diferentes contribuições das pessoas em função de seus argumentos, e não mediante relações de poder, que são produzidas a partir das desigualdades existentes na estrutura social. Ao se conscientizarem dessas desigualdades, os educadores têm a opção de buscarem as melhores condições para reduzir a influência dessa desigualdade nas relações que estabelecem com a comunidade, consensuando soluções para os problemas de uma realidade, de forma compartilhada e democrática (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

A inteligência cultural diz respeito à capacidade que todas as pessoas têm para adquirir conhecimento em diferentes espaços, que não representam o universo escolar, o qual oferece condições para o desenvolvimento da inteligência acadêmica. As pessoas apresentam um grande número de habilidades, de natureza prática, comunicativa e cooperativa, adquiridas no âmbito da vida e que não são valorizadas na escola. "Com base no princípio de inteligência cultural, pressupõe-

se que todas as pessoas podem participar ativamente da escola, podendo com ela contribuir em um plano de igualdade” (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010, p. 62).

O princípio da transformação está fundamentado nas concepções de Paulo Freire e pressupõe que as relações intersubjetivas geram transformações nos contextos em que as pessoas vivem. De acordo com Freire, enquanto seres de transformação, e não de adaptação, as pessoas encontram-se condicionadas pela organização das estruturas, mas não determinadas, o que indica o caráter dual das relações entre pessoas e mundo (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

A dimensão instrumental refere-se aos conhecimentos que são necessários para a sobrevivência na sociedade da informação, e que envolvem tanto os conhecimentos escolares como as habilidades comunicativas, ambos fundamentais para atuação no contexto social e econômico atual. “Isso porque o diálogo e a reflexão fomentam o desenvolvimento da capacidade de seleção e de processamento da informação, um dos mais importantes instrumentos na sociedade em que vivemos” (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010, p. 64).

O princípio da criação de sentido refere-se à busca de uma determinada orientação vital à existência das pessoas, construindo sonhos e sentindo-se protagonista da própria vida, o que implica abertura para tomada de decisões, para além dos condicionantes estruturais. A criação de sentido se dá pelas interações que as pessoas estabelecem, por meio de redes de solidariedade e diálogo que estabelecem em projetos conjuntos, o que oferece apoio às reflexões individuais (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

Num ambiente dialógico, essa criação de sentido se produz em todo o processo educativo, por meio da interação entre as pessoas – adultas, jovens e crianças – provenientes de diversos lugares (comunidade, universidade, entidades, etc.), que ampliam suas referências de contato e de amizades (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010, p. 65)

O princípio da solidariedade é central na busca pela superação das desigualdades sociais, e exige coerência entre pensamento e ação. De acordo com esse princípio, ser solidário significa não oferecer apenas as mesmas oportunidades a todas as pessoas, mas também os mesmos direitos e resultados, agindo para a garanti-los.

Somos solidários quando nos indignamos com as injustiças sociais, planejando ações e atuando para mudá-las (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

A igualdade de diferenças é um princípio que questiona a concepção homogeneizadora da igualdade, que a escola tenta estabelecer, ao impor que todos sigam a mesma forma de ser, assim como contesta o discurso da diferença como redução à igualdade de oportunidades. Ao contrário dessas concepções, a igualdade de diferenças pressupõe que a verdadeira igualdade inclui o mesmo direito que todas as pessoas têm de ser e viver de forma diferente (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

Tanto os princípios da teoria da ação dialógica de Freire, como os princípios da Aprendizagem Dialógica (AUBERT et al., 2016), foram vivenciados pelos participantes do curso no momento dos diálogos sobre as obras lidas, fazendo-os refletir sobre o conteúdo de cada uma em relação com muitos aspectos da vida, dos sistemas de ensino, da estrutura social, da situação política do país, constatando a atemporalidade e universalidade da produção do educador.

APRENDIZAGENS QUE RESULTARAM DA DINÂMICA DO CURSO

Ao finalizar cada encontro, uma síntese dos temas dialogados por todos os participantes era apresentada pela pessoa moderadora, a fim de que os participantes tivessem uma visão geral dos assuntos que provocaram reflexões sobre a vida, o mundo do trabalho, o contexto de formação ou o contexto sócio-político atual em nosso país e no mundo, relacionados ao pensamento de Paulo Freire. Alguns temas freirianos se destacavam diferentemente nos diálogos de cada grupo de participantes: o amor, a esperança, os valores do opressor introjetados no oprimido, o autoritarismo vigente nas instituições de ensino, as possibilidades que temos de transformar nosso entorno, o medo da liberdade, a unidade na diversidade, a importância do diálogo, a contraposição entre educação bancária e educação libertadora, etc.

De maneira geral, as profundas reflexões sobre os temas dialogados pelos dois grupos de participantes evidenciaram:

- A valorização e o respeito quanto à leitura de mundo de todos que integram os contextos aos quais pertencemos, considerando-a

nas decisões a serem tomadas para a resolução de problemas do mundo da vida e do trabalho;

- A importância de assumir-se como ser inacabado, de forma humilde, estando aberto às novas aprendizagens com o diferente;
- A potencialidade que cada pessoa possui de transformar suas realidades, posicionando-se sobre elas e desconstruindo o fatalismo;
- A necessidade de uma educação problematizadora nas instituições escolares, que dialogue mais com os alunos e a comunidade de entorno;
- O desvelamento das diferentes formas de opressão que ocorrem entre as pessoas e classes sociais, e o comportamento do oprimido ao introjetar o opressor, reproduzindo seus discursos e ações;
- A importância do diálogo para a superação das relações sociais desiguais, para o fortalecimento das pessoas e seu engajamento nas lutas por justiça.

A cada encontro, o diálogo sobre cada obra evidenciava o crescimento dos participantes quanto à compreensão da *práxis* de Paulo Freire, pelo entendimento da relação vida-trabalho-obra do educador, percebendo sua atemporalidade e universalidade. Os participantes do curso também enfatizavam a importância de poder conhecer o legado de Freire numa perspectiva dialógica de estudos, que exige o exercício dos sete princípios da aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010).

Além dos registros das sínteses, o curso contou com a escrita de dois textos, de natureza biográfica, elaborada pelos participantes, sobre suas aprendizagens no encontro com a obra de Paulo Freire: as cartas e autorretratos. Mas, os dados referentes a esses textos ainda não foram sistematizados.

No último encontro do curso, propusemos uma avaliação geral, organizada em três questões, a fim de que os participantes expusessem:

- a) Os conhecimentos mais significativos que adquiriram sobre Paulo Freire durante o curso;
- b) As mudanças no âmbito do trabalho, ou contribuições para a formação, que podem vislumbrar após os estudos e diálogos sobre o legado de Paulo Freire;

c) As sugestões que deixariam para uma próxima edição do curso.

Em virtude do espaço que temos para apresentação dos dados da avaliação nesse artigo no curso, apenas transcreveremos algumas respostas à primeira questão, omitindo a identidade dos participantes, pois as avaliações não continham informações sobre seus nomes.

A educação como diálogo voltado para a transformação do conhecimento e para a autonomia e cidadania humana.

É muito difícil elencar, porque foram muitos conhecimentos novos e muitas oportunidades de organizar reflexões que já vinha realizando. Mas, a prática educativa dialógica, democrática, coerente e bem fundamentada é algo que se destaca.

O curso me proporcionou conhecer as experiências dos participantes e refletir sobre elas, além de poder avaliar as minhas práticas como ser humano, ser educador e ser participante da sociedade.

A importância de ouvir o outro. A importância do diálogo. Conhecimento de como funciona o sistema educacional em nosso país. Sugestões de ser um profissional libertador.

Reflexões sobre a esperança, relação dialógica, troca de conhecimentos entre professor e aluno, humildade, opressão, palavra verdadeira, transformação e libertação, entre outros.

De maneira geral, as respostas evidenciaram o diálogo como caminho de crescimento pessoal, profissional e social dos participantes, destacando o potencial transformador dessa práxis, que foi compreendida em seus fundamentos e pôde ser vivenciada. Pelas palavras dos participantes, identificamos a importância de poderem conhecer o legado de Freire numa perspectiva dialógica de estudos, no exercício dos sete princípios que fundamentam a aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As ações desenvolvidas no curso atenderam a uma demanda por aprofundamento de conhecimentos em relação à teoria freiriana, manifestada por profissionais de diferentes áreas de atuação, como a Saúde, a Educação, o Meio Ambiente e o Serviço Social, por acadêmicos de diferentes cursos de graduação, além de estudantes de pós-graduação, professores da educação básica e educadores sociais.

Por meio de uma metodologia fundamentada na dialogicidade freiriana e nos princípios da aprendizagem dialógica (BRAGA, GABASSA e MELLO, 2010), foi possível constatar que o curso não apenas proporcionou conhecimentos teóricos como também a vivência de relações solidárias e respeitadas, numa perspectiva crítica e dialética. A cada encontro realizado, foi possível perceber transformações que a dialogicidade provocava nos participantes, através do desenvolvimento de atitudes de escuta, análise dos contextos vividos e disponibilidade para conhecer mais com os outros. Outro dado relevante foi identificado por meio das devolutivas dadas por alguns cursistas, que já buscavam incorporar os princípios da aprendizagem dialógica em seu cotidiano profissional e seu trabalho educativo, enquanto coordenadores e diretores de escola.

Dessa maneira, o curso atendeu aos objetivos da extensão, correspondendo a demandas da comunidade e contribuindo para a transformação das pessoas e a solução de problemas que envolvem seus contextos.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCÍA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa; MELLO, Roseli Rodrigues de. *Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as)*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

CASALI, Alípio. O legado de Paulo Freire para a pesquisa (auto)biográfica. In: PASSEGGI, M. da C. e BARBOSA, T. M. N. (Org.). *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 25-43.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. In: CASTELLS, Manoel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FLECHA, Ramón. *Compartiendo palabras*. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona, España: Paidós, 1997.

_____. La Pedagogía de la Autonomía de Freire y la Educación Democrática de personas adultas. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, Zaragoza, v. 2, n. 18, p. 27-43, 2004.

FLECHA, Ramón; PUIGVERT, Lidia. Aportaciones de Paulo Freire a la educación y las ciencias sociales. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, Zaragoza, n. 33, p. 21-28, 1998.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

_____. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MELLO, Roseli Rodrigues de. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. *Contrapontos*, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 449-457, set./dez. 2003.

MELLO, Roseli; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. *Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível*. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, mayo-agosto 2009.

PAULA, Lucimara Cristina de. *Contribuições da práxis histórica de Paulo Freire às pesquisas e propostas sobre educação contínua de educadores(as)*. 2011. 455 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2011.

PAULA, Lucimara Cristina de. Contribuições da dialogicidade em Paulo Freire às pesquisas e propostas sobre formação de educadores. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, v. 12, n. 30, p. 57-73, jan./abr. 2017.

Dialogando sobre Paulo... - *Lucimara C. de Paula e Márcia B. da Silva*

RODRIGUES, Rogério. A extensão universitária como práxis. *Em Extensão*, Uberlândia, v. 5, 2005-2006.

SILVA, Márcia Barbosa da. *O lugar do estudo das mídias na formação de professores numa perspectiva emancipatória*. 2011. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2011.

Submetido em Novembro 2018

Aceito em Dezembro 2018

Publicado em Fevereiro 2019